MIGUEL RIO BRANCO

CARNE DO MUNDO

Alexandre Melo

CONTINUUM

Quando eu olho para uma fotografia de MRB ou um conjunto de fotografias ou uma série de fotografias de MRB o que eu vejo não é o que costumo ver em fotografias. O que eu vejo é a carne do mundo, tal qual eu gosto de a ver e sentir. Como se as fotografias fossem uma pele, uma superfície que se estende sobre a viva e palpitante existência sensível de uma realidade possível. Porque a realidade é apenas uma possibilidade cuja concretização depende da maneira de olhar e, neste caso, dar a ver.

Gosto portanto, tanto quanto das fotografias de MRB do modo como as dá a ver em painéis, em séries, em múltiplos livros (“Maldicidade”, 2014 ; “Você Está Feliz?”, 2012 ; “Entre os Olhos, o Deserto”, 2001 ; “Silent Book”, 1998 ; entre tantos outros) que sabe bem infinitamente desfolhar, em exposições em que se lhes juntam os mais variados objetos, em instalações em que se combinam com projeções sobre superfícies diferenciadas, ondulantes, incertas, escondidas, animadas por mistérios da iluminação e da escuridão, Exposições sempre articuladas com as especificidades físicas dos locais que as acolhem (veja-se, para só dar um exemplo, Inhotim). Modos de expor que criam ambientes, atmosferas – inventadas, invocadas ou revividas – que poem em acção todos os nossos sentidos.

Gosto dos filmes. Imagens em movimento, sendo que o movimento é o que também está antes, por dentro e depois das imagens das próprias fotografias. Falo de um filme, uma obra prima diretamente relacionada com a série de fotografias que aqui mais diretamente nos ocupa, e cujo título aparece numa das fotos : “ Nada levarei quando morrer aqueles que mim deve cobrarei no inferno “. (63, 2º envio)

CIDADE

Quando me ocorria especular sobre a mórbida questão de saber a que cidade mais me custaria um dia não poder voltar, a digressão passava por Lisboa, por razões familiares, e por várias cidades italianas, por razões óbvias, e acabava por chegar a Nova Iorque. Nos últimos tempos, porém, tem ocorrido com cada vez maior frequência, que o ponto de chegada da minha deambulação especulativa seja Salvador. Não é fácil que me ocorra melhor lugar onde sempre e talvez para sempre descansar que a praia do Porto da Barra em Salvador. Tudo começou aquando da minha primeira viagem ao Brasil, quando subi ao Pelourinho e comi o meu primeiro acarajé e vi o meu primeiro pôr do Sol em Salvador. Na verdade tudo já tinha começado muito antes e ainda hoje continua a começar.

“Não nasci bahiano porque não mereci”, terá dito Carybé. Graças a MRB, designadamente nesta série de fotografias, posso imaginar o que teria sentido em Salvador, cerca de 20 anos antes de pela primeira vez a ter visitado. Salvador. Dificilmente consigo pensar num assunto que melhor pudesse servir de exemplar exemplo do que atrás comecei a dizer a respeito do método de trabalho de MRB – só se o assunto fossem os corpos humanos em geral, mas há tantos que não chegam a ser um assunto específico, e aliás, neste caso, os corpos, estes corpos, fazem parte deste assunto. Uma série de fotografias que instaura uma ATMOSFERA que é perante os nossos olhos uma revelação da CARNE do mundo : a carne da cidade de SALVADOR.

COMPOSIÇÃO

Olho para fotografias como 51 ou 52 do 1º envio – obras-primas de enquadramento e composição, tal como 102, 104, 105, 107 do 2º envio e tantas outras – e, à partida, esperaria começar por ver e chamar aqui a atenção para a capacidade de multiplicação, devassa e revelação de espaços dentro do espaço do plano, a profundidade de campo.

São imagens captadas a partir do interior de um edifício e que, atravessando a rua, captam um ou vários espaços no interior de um outro edifício, do outro lado da rua. Ou fotografias registadas a partir de um ponto de vista particular que permite captar o que se passa dentro e fora de vários edifícios que convivem numa mesma esquina. São lugares dentro e fora de espaços com personagens mais ou menos visíveis – entre a exuberância e a sombra, a ostentação e a elisão – que nos permitem ver cenas escancaradas mas também nos obrigam a inventar histórias apenas imagináveis.

Há cenas em que tudo está à vista e lugares onde a própria cena se esconde. Os lugares das histórias que não se vêem.

No entanto, paradoxalmente, a referida capacidade de multiplicação dos espaços é acompanhada por um efeito de continuidade unificadora.

O que eu mais sinto e gostaria de sublinhar é a irresistível capacidade de atração exercida por uma PELE como que única e inapelável - superfície unificadora que cria um continuum entre sucessivas fotografias e sucessivos espaços dentro de cada fotografia.

Uma pele que une o lixo da rua, o pelo do cão, a inclinação da perna do homem, a tinta velha que se solta das paredes, o elástico dos calções do rapaz, a luz que ilumina a janela aberta, a curva do rosto da mulher, a madeixa desalinhada, a sombra no corredor que vai até lá ao fundo, o sorriso que não teria razão de ser se o mundo tivesse aceite uma determinada e tida por certa definição de razão, os posters que se descolam da parede, a revista, o espelho embaciado, a pistola, o escuro onde brilha uma sombra, a luz no dente, o brilho no brinco, a cicatriz, a felicidade lá ao fundo, às escuras, à nossa frente.

É tudo isto que eu vejo tudo junto nestas fotografias : como se pudesse passar os dedos das mãos, como por um corpo, pelo continuum de todas estas imagens e assim sentisse a vida palpitante de Salvador, carne do mundo, como quem, em Salvador ou em Roma, beija o chão do país que o recebe.

(Nos anos 1940, Salvador foi chamada Roma Africana por Mãe Aninha, fundadora do Ilê Axé Opó Afonjó).

COMUNIDADE

“Aqui mora família” lê-se num papel colado numa porta na foto 64 do 2º envio, em que também se destaca o trabalho de cor, animado pela toalha do tigre em tons de amarelo e verde.

O mais evidente efeito político da abordagem do espaço acima descrita, ou seja do modo de MRB ver e dar a ver Salvador, ou um bairro específico da cidade de Salvador, é a demonstração estética e moral da possível existência de um real sentimento de COMUNIDADE. Entre as salas, as ruas, as janelas, as escadarias entrelaçadas, os quartos cruzados, as paredes inacabadas, os botecos em que o exterior e o interior se confundem, assistimos a uma intensa e peculiar CIRCULAÇÃO de pessoas, cães, homens, mulheres, crianças, carros, coisas variadas. As trocas de olhares, os movimentos de corpos que mutuamente se convocam, provocam e contrapõem, como se encenados.

Talvez o olhar de MRB, sem ser o sujeito da encenação, saiba ver e captar um processo de encenação sempre em curso no modo de vida desta comunidade. A coreografia da vida.

Haveria que descrever o detalhe das composições que unem as famílias de rua que se nos deparam em fotografias como 65 2º envio (onde num poster se pode ler “Trabalho e Justiça para Todos”) , 73, 69, 71, 72, 74, 75, 70 do 2º envio ou o belíssimo 36 (Maciel 35) do 1º envio com um velho carro organizando 3 figuras em perspectiva,

Temos as poses que parecem enunciar uma mais evidente insinuação sexual mas também poderiam ser apenas momentos de descontração ou exibicionismo saboroso e impenitente, temos as trocas de olhares (ver 108 2º envio) em que não é possível avaliar a dimensão da inocência ou do que quer que seja o seu contrário, que por aqui não parece ser culpa.

A mestria da composição de MRB revela-se plenamente nas cenas que unem múltiplas figuras em movimento na rua, por vezes envolvidas em gestos que não sabemos decidir se são de agressão, paixão ou brincadeira. Será que 76 2º envio nos mostra um exercício de capoeira, uma dança ou uma luta ?

Estas paredes e estas ruas criam uma admirável unidade de espaço que parece configurar um lugar ideal que pudesse ser um LAR para um conjunto de pessoas, para uma comunidade, esta comunidade.

COR

Ao falar do admirável sentido de composição de MRB importaria ainda destacar a presença da COR e a sua capacidade para encontrar a cor mesmo nos lugares mais improváveis como uma parede encardida ou o chão sujo de uma rua. A cor que sobra numa embalagem de cigarros “Hollywood” abandonada no chão, prolongada no azul da havaiana em 66 2º envio. Uma toalha ou algumas simples

peças de roupa penduradas sobre uma parede de fundo ; as cores vistosas de uma inesperada montagem de recortes numa parede, iluminados por luz vermelha, revelados por uma janela aberta numa parede cor de rosa em 68 2º envio) ; surpreendentes contrastes de cores justapostas numa mesma parede ou em paredes contíguas (como em 63 do 1º envio). Vejam-se ainda o conjunto de recortes com um Cristo em 116 2º envio ou o conjunto de recortes com um espelho em 123 2º envio. Ou apenas as cores de uma simples toalha sobre uma mesa em 94 2º envio.

MRB encontra as suas justas notas de cor na própria realidade que nos revela sem ter de forçar efeitos especiais ou rebuscados. Acima de tudo, nunca será de mais sublinhar a importância decisiva concedida ao trabalho de revelação das texturas das paredes dos edifícios ou das madeiras das portas ou janelas. A tinta que já caiu, a sujidade entranhada e irreversível, a porta pelada, as cores queimadas, são, em si mesmas, as pinturas que o mundo e o tempo fizeram sobre as superfícies que os homens lhes construíram para viverem juntos. É preciso pensar bem no significado e nas implicações das palavras limpar, renovar, restaurar ou destruir.

A forma da presença da cor é uma marca do trabalho do autor mas é também a constatação de um tipo de escolhas cromáticas e gosto estético próprio de uma comunidade ; e que também ele, noutro contexto, poderia ser analisado em termos de sociologia e urbanismo.

Falei em efeito político porque este tipo, eventualmente especulativo, de análise do espaço da cidade poderia ser levado em linha de conta na análise dos processos de renovação e recuperação urbanas. A especificidade das formas sociais de vida em comunidade não é indiferente às características físicas dos espaços de habitação e convívio. O sentimento de comunidade gerado nestas esquinas destas ruas talvez não possa ser produzido em torno da piscina de um condomínio. Sempre que se resolve uma coisa que, talvez corretamente, se considera ser um problema há que averiguar quais são as antigas possibilidades que se vão perder ou as novas impossibilidades que se poderão gerar. Enfim, mais problemas.

CICATRIZ

Tudo isto poderia até estar a correr muito bem mas há sempre a questão do sexo. O sexo persiste e, em muitos casos, tudo indica que o que parece, não pode deixar de ser o que parece ser : sexo.

Insistindo nos paradoxos diria, no entanto, que em MRB uma grande parte do que parece sexo poderá não ser sexo, em sentido estrito, e tudo o que não parece sexo é que, se calhar, é na verdade sexo, em sentido lato. Poderia tentar explicar rapidamente este paradoxo declarando desde já que sexo é tudo ou nada e que, portanto, o problema está resolvido.

Creio ainda assim que vale a pena citar alguns exemplos ou detalhes. Por mim e, como não poderia deixar de ser, só por mim falo, a mais sexual de todas as fotos que conheço desta série é a 44 do 1º envio e julgo que seja por causa do perfeito balanço da utilização de uma cor, o VERMELHO.

Veja-se a quantidade de imagens (e refiro-me aqui a outras séries de trabalhos do autor) , do que iríamos jurar serem partes mais ou menos auspiciosas (conforme os gostos de cada um) dos corpos humanos e são afinal bolos, manchas, animais (não humanos), abstrações e sabe-se lá mais o quê.

Em contrapartida, podemos contemplar tranquilas visões de cenas quase bucólicas ou quase abstratas e, no entanto, há um aroma, um apelo, uma ondulação que é difícil não relacionar com qualquer coisa sexual. Mas também pode ser uma impressão minha ou, neste caso, tudo afinal ser por culpa da cidade de Salvador.

Por falar em sexo convirá despistar a questão da prostituição. Há liberdade. Também pode haver violência, que nas relações sexuais ou noutra coisa qualquer é assunto para legislação e, se for caso disso, repressão. Há felicidade. Também pode haver exploração e miséria que na vida social em geral são matéria para discussão ideológica e confronto político. Não é fácil entender o que se entende por prostituição. A menos que prostituição consista em alguém fazer algo que não faria se não lhe pagassem para o efeito mas se adotarmos esta definição a bem dizer só há prostituição.

Uma cicatriz – como em Maciel 91, 2º envio – ou algumas outras aparentes imperfeições – os exemplos são inúmeros – que ofendem a lisura que alguns considerariam corresponder à forma ideal de um corpo ou de uma parede (de um trapo, de um papel ou de outra coisa qualquer) coloca um problema específico que é estético, político e moral.

Na fotografia citada (que é parte de uma belíssima sequência, dir-se-ia que uma sequência feliz) é bem claro que a cicatriz oferece um momentâneo ponto de fixação da atenção cuja intensidade particular dá ainda mais intensidade e espessura ao sentimento atinente à imagem considerada no seu conjunto.

Uma cicatriz não é uma ferida nem na beleza nem em coisíssima nenhuma, é uma redobrada prova da consistência, da robustez e da permanência da continuidade da carne, carne do mundo, repito, corpo de Deus, Salvador.